

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EPT: PERCEPÇÕES ÉTICAS E PEDAGÓGICAS DE DOCENTES DO INSTITUTO FEDERAL E SENAC-DF

Autora: Giorgia Barreto

RESUMO

A expansão da Inteligência Artificial (IA) tem promovido transformações significativas na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), impactando práticas pedagógicas, processos formativos e relações de ensino-aprendizagem. Este estudo tem como objetivo analisar as percepções de docentes da EPT acerca do uso da IA, com foco em seus potenciais pedagógicos e desafios éticos. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa com apoio quantitativo, estruturada em duas etapas: revisão integrativa da literatura (2015–2025) e pesquisa empírica com aplicação de questionário a 50 docentes. Os resultados indicam adoção universal da IA (100%), com uso frequente voltado principalmente ao planejamento de aulas e elaboração de atividades. Observa-se elevado reconhecimento do potencial pedagógico (92%), especialmente na organização do ensino e implementação de metodologias ativas. Contudo, emergem preocupações éticas relevantes, como uso indevido por estudantes (90%), riscos ao pensamento crítico (58%) e dependência tecnológica (38%). Conclui-se que a incorporação da IA na EPT já é uma realidade consolidada, porém marcada por lacunas formativas e ausência de diretrizes institucionais sistematizadas, evidenciando a necessidade de formação docente crítica e políticas educacionais orientadas ao uso ético e pedagógico da tecnologia.

Palavras-chave: inteligência artificial; educação profissional e tecnológica; formação docente; ética digital; prática pedagógica.

ABSTRACT

The expansion of Artificial Intelligence (AI) has driven significant transformations in Professional and Technological Education (PTE), impacting pedagogical practices, training processes, and teaching-learning relationships. This study aims to analyze the perceptions of PTE teachers regarding the use of AI, focusing on its pedagogical potential and ethical challenges. Methodologically, a qualitative approach supported by quantitative data was adopted, structured in two stages: an integrative literature review (2015–2025) and an empirical study based on a questionnaire administered to 50 teachers. The results indicate universal adoption of AI (100%), with frequent use primarily for lesson planning and activity design. There is a high level of recognition of its pedagogical potential (92%), particularly in organizing teaching and implementing active learning methodologies. However, relevant ethical concerns emerge, such as misuse by students (90%), risks to critical thinking (58%), and technological dependence (38%). It is concluded that the incorporation of AI in PTE is already a consolidated reality, yet marked by training gaps and the absence of systematized institutional guidelines, highlighting the need for critical teacher education and educational policies oriented toward the ethical and pedagogical use of technology.

Keywords: artificial intelligence; professional and technological education; teacher education; digital ethics; pedagogical practice.

Data da Aprovação: 01 de abril de 2026

1 INTRODUÇÃO

A expansão da Inteligência Artificial (IA) tem provocado transformações profundas nos processos produtivos, nas relações sociais e nas práticas educacionais. No campo da educação, especialmente após a consolidação das inteligências artificiais generativas (IAGs), essas tecnologias vêm se incorporando ao cotidiano escolar e acadêmico, sendo utilizadas em atividades como planejamento de aulas, produção de materiais, avaliação de estudantes e apoio a pesquisas.

Na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), essas mudanças assumem relevância especial. Essa modalidade articula formação técnica e geral, integrando trabalho, ciência e tecnologia como princípios estruturantes (BRASIL, 2008). Inserir a IA nesse contexto vai além da adoção de uma ferramenta digital. Trata-se de repensar currículos, revisar práticas pedagógicas e refletir criticamente sobre seus impactos pedagógicos, éticos e sociais.

Luckin et al. (2016) e Holmes, Bialik e Fadel (2019) indicam que a IA tem potencial para personalizar a aprendizagem, organizar o planejamento docente e acompanhar o progresso dos estudantes. Ao mesmo tempo, surgem desafios relacionados à autoria intelectual, à privacidade de dados, aos vieses algorítmicos e à ausência de formação específica para seu uso pedagógico (COSTA; SILVA, 2025). Nesse contexto, espera-se que os docentes reconheçam o valor pedagógico da IA, especialmente na produção de materiais e no apoio ao ensino, mas também identifiquem desafios éticos ligados à confiabilidade das informações, autoria de conteúdos e presença de vieses nos algoritmos. Além disso, o nível de formação e conhecimento dos professores tende a influenciar a forma como a IA é incorporada à prática pedagógica, e seu uso ainda ocorre de maneira predominantemente instrumental, reforçando a necessidade de formação continuada orientada para o uso crítico, ético e pedagógico da tecnologia.

O avanço das tecnologias digitais tem transformado a rotina do trabalho docente e os processos de ensino e aprendizagem, convertendo recursos antes pontuais em elementos centrais do cotidiano escolar. Ensinar e aprender tornam-se experiências profundamente conectadas à cultura digital, que atravessa as dimensões social, profissional e acadêmica da vida dos sujeitos.

Nesse cenário, a IA se destaca por sua capacidade de analisar dados, gerar conteúdos e se adaptar em tempo real, ampliando as possibilidades de intervenção pedagógica. Pode apoiar desde o planejamento de aulas até a elaboração de materiais contextualizados, avaliações formativas e acompanhamento individualizado dos estudantes. Mais do que uma ferramenta, a IA funciona como um sistema capaz de interagir com dados, identificar padrões e oferecer respostas ajustadas às necessidades pedagógicas.

Na EPT, essas transformações ganham importância ampliada, uma vez que a IA não apenas altera práticas pedagógicas, mas também influencia a formação profissional, as competências técnicas e as relações dos estudantes com o mundo do trabalho contemporâneo. Considerando que a EPT valoriza a formação integral do sujeito, refletir sobre a presença da IA é compreender como ela interfere no projeto formativo da modalidade.

De acordo com Floridi et al. (2018), o uso da IA na educação envolve desafios éticos e pedagógicos que exigem atenção e postura responsável. Entre os principais pontos destacam-se a confiabilidade das informações, a autoria de conteúdos gerados por algoritmos, a proteção de dados e a presença de vieses nos sistemas. Esses aspectos demandam não apenas competências técnicas, mas também uma formação docente orientada por princípios éticos e críticos. Conforme destacam, a incorporação da IA no contexto educacional requer supervisão humana constante e reflexão ética sistemática, especialmente diante dos riscos de uso acrítico e das limitações dos sistemas algorítmicos. Nesse sentido, a formação docente torna-se elemento central para garantir uma mediação pedagógica consciente, responsável e alinhada aos princípios da educação.

Diante desse panorama, torna-se essencial compreender como os docentes da EPT percebem e incorporam a IA em suas práticas pedagógicas. São eles, no cotidiano de salas de aula e laboratórios, que vivenciam desafios, experimentam possibilidades e mediam processos de aprendizagem em um cenário de rápidas transformações. Ouvir suas experiências aproxima o debate teórico da realidade concreta, tornando a análise mais consistente e situada.

A pesquisa busca responder à seguinte questão norteadora: Como os docentes da Educação Profissional e Tecnológica percebem o uso da Inteligência Artificial

em suas práticas pedagógicas, considerando seus potenciais e desafios éticos? Para respondê-la, pretende-se identificar práticas já existentes no cotidiano docente e compreender como os professores percebem os benefícios e riscos associados à IA. Em síntese, o estudo propõe analisar a Inteligência Artificial não apenas como ferramenta, mas como elemento capaz de transformar as formas de ensinar e aprender em suas dimensões pedagógicas, éticas e formativas.

Com base nesse contexto, a pesquisa estrutura-se a partir de três hipóteses centrais: H1 – os docentes reconhecem o potencial pedagógico da Inteligência Artificial na Educação Profissional e Tecnológica, especialmente no apoio ao planejamento e à organização do ensino; H2 – os docentes identificam desafios éticos relevantes associados ao uso da IA, com destaque para questões relacionadas à autoria, confiabilidade das informações e desenvolvimento do pensamento crítico; e H3 – o nível de formação docente influencia diretamente a forma como a IA é incorporada às práticas pedagógicas, sendo sua utilização ainda predominantemente instrumental na ausência de formação específica.

A relevância desta pesquisa se apoia na expansão do uso da IA na educação e na necessidade de compreender seus impactos nas práticas docentes, especialmente no contexto da EPT. Do ponto de vista científico, contribui para a produção de conhecimento sobre um fenômeno contemporâneo ainda em consolidação, ampliando o debate acadêmico sobre a integração da IA na educação e suas implicações pedagógicas e éticas. No âmbito social e educacional, atende à demanda por formação crítica em um contexto de transformação digital, na qual o domínio técnico precisa ser acompanhado de responsabilidade ética, consciência social e pensamento crítico, condições essenciais para que docentes possam mediar a formação de estudantes capazes de lidar com tecnologias emergentes.

Sob a perspectiva institucional, os resultados podem subsidiar políticas de formação continuada, orientar diretrizes pedagógicas e contribuir para a elaboração de normativas internas relacionadas ao uso responsável da IA promovendo práticas educacionais mais conscientes e alinhadas às demandas contemporâneas. Destaca-se ainda a relevância ética do tema, considerando proteção de dados pessoais, responsabilidade algorítmica, transparência e integridade acadêmica, elementos centrais para uma educação comprometida com valores democráticos e formação cidadã.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil se configura como uma política pública que busca articular trabalho, ciência, cultura e tecnologia, oferecendo uma formação que vai além do ensino técnico ou teórico isolado. Consolidada pela Lei nº 11.892/2008, essa modalidade reafirma que a formação geral e a técnica devem caminhar juntas, promovendo uma educação omnilateral que integra dimensões técnicas, científicas, éticas e políticas. Esse enfoque rompe com a histórica dualidade estrutural da educação brasileira e cria um horizonte em que a incorporação da Inteligência Artificial (IA) precisa ser compreendida não apenas como a adoção de uma nova ferramenta, mas como um fenômeno que questiona e expande os fundamentos pedagógicos, éticos e políticos da modalidade.

A IA generativa, como destaca Mossin (2025), redefine competências profissionais e desafia a EPT a formar sujeitos capazes de compreender a tecnologia como um fenômeno social, histórico e cultural. Nesse contexto, o princípio da formação omnilateral, que integra as dimensões técnica, ética, política e cultural, se mostra particularmente adequado para orientar a mediação pedagógica diante de tecnologias emergentes. Saviani (2007) reforça que a educação deve buscar essa formação integral, superando a fragmentação entre teoria e prática e promovendo compreensão crítica da realidade. Frigotto (2012) complementa, lembrando que o trabalho é princípio educativo estruturante, articulando saberes técnicos e consciência social, um aspecto que permanece central ao refletirmos sobre a presença da IA na EPT.

Quando observamos o papel das tecnologias educacionais, percebemos que elas ampliam as possibilidades de ensino e aprendizagem desde que sejam integradas de forma planejada e significativa. Moran (2015) argumenta que a tecnologia potencializa o processo educativo quando utilizada de maneira intencional. Kenski (2012) reforça que a verdadeira inovação não está na tecnologia em si, mas na transformação que ela provoca nas práticas pedagógicas. Valente (1999) enfatiza o protagonismo do estudante, defendendo autonomia e investigação como condições essenciais para que a aprendizagem mediada pela tecnologia seja significativa. Nesse cenário, a IA oferece

oportunidades únicas, permitindo personalizar o aprendizado, analisar dados de desempenho e apoiar a organização do ensino. Luckin et al. (2016) mostram que essas tecnologias possibilitam intervenções mais precisas e adaptadas às necessidades individuais de cada estudante, enquanto Holmes, Bialik e Fadel (2019) destacam seu potencial para apoiar decisões pedagógicas, alertando, porém, para os riscos éticos e sociais que surgem quando o uso é feito sem reflexão crítica.

Pesquisas recentes confirmam essas possibilidades, mas também revelam lacunas importantes. Vieira e Moura (2025), ao investigarem 156 docentes da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), constataram que 78% reconhecem a relevância pedagógica da Inteligência Artificial, porém apenas 34% se sentem preparados para incorporá-la em suas práticas, enquanto 89% apontam a necessidade de formação continuada. Esses dados indicam que, embora o potencial pedagógico da tecnologia seja amplamente reconhecido, ainda persistem desafios relacionados à formação docente e à apropriação pedagógica da IA.

No campo da produção científica, Costa e Silva (2025) apontam que apenas 23% das pesquisas sobre Inteligência Artificial contemplam sua dimensão ética, evidenciando uma lacuna significativa nos debates acadêmicos e reforçando a necessidade de ampliar as discussões pedagógicas nesse campo. Em consonância com essa perspectiva, Martins (2025) argumenta que as inteligências artificiais generativas apresentam elevado potencial para personalizar os processos de aprendizagem; entretanto, esse potencial depende de uma mediação docente crítica, reflexiva e pedagogicamente fundamentada. Em conjunto, esses achados indicam que a efetividade da IA no contexto educacional está diretamente relacionada à formação dos professores e à sua capacidade de integrar a tecnologia de maneira ética, crítica e pedagogicamente orientada.

A relevância dessa adaptação também é evidenciada por dados de alcance global. De acordo com o Relatório do Futuro do Trabalho 2023 do Fórum Econômico Mundial, a Inteligência Artificial deverá ser adotada por quase 75% das empresas pesquisadas, com projeção de transformação de aproximadamente 23% dos postos de trabalho existentes (WEF, 2023 apud VIEIRA; MOURA, 2025). Nesse cenário, destacam-se como competências

essenciais o pensamento criativo, a alfabetização tecnológica, o pensamento sistêmico e a capacidade de lidar com IA e big data, habilidades que a Educação Profissional e Tecnológica precisa incorporar de forma intencional em seus projetos formativos.

Complementando esse panorama, Vieira e Moura (2025), ao mapearem experiências de ensino com IA nos Institutos Federais, identificaram quatro modalidades principais de uso: como conteúdo curricular em si, como recurso para o ensino de outros conteúdos, como ferramenta de apoio à gestão escolar, incluindo previsão de evasão e atendimento institucional, e como suporte ao desenvolvimento de novas tecnologias pelos próprios estudantes. Essa diversidade de aplicações evidencia que a IA já permeia o cotidiano pedagógico da EPT em diferentes dimensões, ainda que de forma incipiente e concentrada em determinadas regiões do país.

A integração efetiva da IA à prática pedagógica exige que o docente desenvolva habilidades de letramento digital crítico, compreenda vieses algorítmicos, avalie a confiabilidade das informações e planeje intencionalmente sua aplicação pedagógica. Tardif (2014) lembra que os saberes docentes se constroem a partir da experiência, do conhecimento acadêmico e da prática cotidiana, o que significa que a tecnologia não substitui o professor, mas exige que ele reflita sobre como seus saberes se reorganizam diante das novas possibilidades. Freire (1996) reforça que uma postura reflexiva e crítica é essencial para evitar que o uso da tecnologia seja apenas instrumental, esvaziando o sentido pedagógico da ação educativa. O professor, nesse contexto, continua sendo o mediador insubstituível, responsável por julgar eticamente, contextualizar pedagogicamente e perceber nuances do desenvolvimento dos estudantes (GROSSI et al., 2024).

Além dos aspectos pedagógicos, a IA levanta questões éticas que demandam atenção contínua. Entre os desafios mais relevantes estão a confiabilidade das informações produzidas por algoritmos, a fragilização da autoria intelectual, o risco de plágio assistido, a reprodução de preconceitos e vieses sistêmicos, além da dependência tecnológica. Taulli (2020) destaca que a supervisão humana permanente é condição indispensável para o uso responsável dessas ferramentas. A ética no uso da IA exige reflexão crítica constante não apenas

dos docentes, mas também das instituições e dos sistemas que regulam sua aplicação.

Esse debate ético acontece em um cenário de lacunas normativas. Embora a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei nº 13.709/2018) garanta princípios de privacidade e proteção de dados, ainda não existe regulamentação específica sobre o uso pedagógico da IA no Brasil. A responsabilidade pelo uso seguro e ético da tecnologia deve ser compartilhada entre instituições, docentes, desenvolvedores e órgãos reguladores, demandando políticas institucionais claras e estratégias efetivas de governança educacional. Em nível internacional, a UNESCO (2021) estabelece princípios de transparência, equidade e responsabilidade no uso da IA, enquanto Floridi et al. (2018) apresentam fundamentos de ética algorítmica aplicável, fornecendo referências valiosas para o contexto educacional brasileiro.

A partir desses elementos, esta pesquisa organiza-se em três eixos analíticos complementares: o potencial pedagógico da IA na EPT, os desafios éticos associados ao seu uso e as implicações para a formação docente. Essa abordagem permite uma análise integrada e crítica da incorporação da Inteligência Artificial na Educação Profissional e Tecnológica, articulando teoria, evidências empíricas e dimensões normativas, sempre com atenção à mediação humana como eixo central do processo educativo.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como aplicada, de natureza exploratória e descritiva, adotando uma abordagem qualitativa com apoio de dados quantitativos, configurando-se como um estudo de métodos mistos. Conforme destacam Gil (2002) e Prodanov (2013), a pesquisa aplicada busca produzir conhecimentos voltados à solução de problemas concretos, orientação que justifica a investigação sobre o uso da Inteligência Artificial na Educação Profissional e Tecnológica, considerando suas dimensões pedagógicas e éticas.

O caráter exploratório decorre do fato de que o fenômeno ainda se encontra em processo de consolidação no campo educacional. Já a dimensão descritiva visa caracterizar percepções e práticas docentes relacionadas à incorporação da IA. A abordagem qualitativa permite compreender os significados que os docentes

atribuem às suas experiências, conforme Minayo (2014), enquanto o apoio quantitativo possibilita identificar padrões, tendências e frequências, fortalecendo a consistência analítica do estudo, segundo Creswell (2014). Para ampliar a validade e a confiabilidade dos resultados, foi adotada a triangulação de dados, seguindo os princípios propostos por Denzin (1978), integrando diferentes fontes e perspectivas na análise do fenômeno.

O estudo foi desenvolvido no contexto da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, considerando seu compromisso histórico com a articulação entre formação humana, desenvolvimento tecnológico e mundo do trabalho. A pesquisa abrangeu instituições públicas e privadas, incluindo um Instituto Federal e uma unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), permitindo a observação de diferentes contextos institucionais e organizacionais.

A metodologia estruturou-se em duas etapas complementares. A primeira consistiu em uma revisão integrativa da literatura sobre IA na educação, com base em produções científicas publicadas entre 2015 e 2025. A segunda etapa envolveu a pesquisa empírica com docentes atuantes na EPT, por meio de um questionário estruturado. A revisão integrativa seguiu o protocolo de Whitemore e Knafl (2005), contemplando oito etapas: definição do tema e da questão norteadora; seleção de descritores em português e inglês; busca nas bases Google Scholar, SciELO, ERIC, Periódicos CAPES, UNESCO e MEC; aplicação de critérios de inclusão e exclusão; leitura integral dos textos selecionados; organização dos dados em tabela estruturada; análise temática; e síntese integrativa dos resultados.

Participaram da pesquisa empírica 50 docentes da Educação Profissional e Tecnológica, selecionados por conveniência, todos em exercício no período de coleta. A amostra corresponde a um universo de aproximadamente 500 docentes e contou com adesão voluntária. O anonimato dos participantes foi rigorosamente assegurado.

O instrumento utilizado consistiu em um questionário estruturado aplicado de forma eletrônica por meio do *Google Forms*, garantindo acessibilidade, praticidade e sigilo das respostas. O questionário foi organizado em três blocos temáticos. O primeiro bloco abordou o perfil docente, contemplando formação

acadêmica, área de atuação, tempo de docência e nível de ensino. O segundo bloco investigou o conhecimento e o uso da IA incluindo frequência de uso, tipos de ferramentas utilizadas, finalidades pedagógicas e nível de familiaridade com a tecnologia. O terceiro bloco concentrou-se em percepções e impactos, explorando o potencial pedagógico, a relação docente-estudante, aspectos éticos e desafios identificados no uso da IA. A coleta dos dados ocorreu em fevereiro de 2026.

A análise dos dados foi realizada em duas frentes. As respostas fechadas foram tratadas por estatística descritiva, calculando frequências e percentuais. As respostas abertas passaram por categorização temática, permitindo identificar recorrências e agrupá-las em categorias analíticas significativas. Posteriormente, os dados empíricos foram triangulados com os achados da revisão integrativa da literatura, promovendo uma interpretação articulada entre teoria e prática.

Do ponto de vista ético, a pesquisa respeitou integralmente os princípios aplicáveis a estudos envolvendo seres humanos, em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016. Foram assegurados o anonimato dos participantes, a obtenção do consentimento livre e esclarecido e a utilização exclusiva dos dados para fins acadêmicos. A investigação também observou as disposições da Lei nº 13.709/2018, Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, garantindo confidencialidade, tratamento adequado das informações e respeito aos princípios da finalidade, necessidade, transparência e segurança da informação.

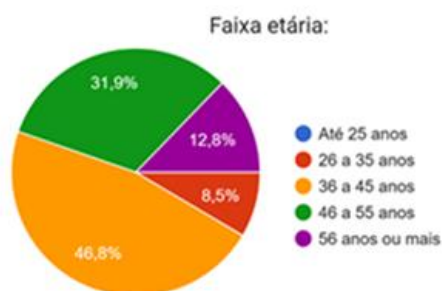
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Bloco 1 – Perfil dos participantes

O estudo contou com 50 docentes da EPT, cujo perfil é relevante para a interpretação dos resultados. Trata-se de um grupo majoritariamente experiente, com 46% dos participantes entre 36 e 45 anos, 32% acumulando de 11 a 20 anos de docência e 30% com 1 a 5 anos de experiência, combinando, assim, professores com carreira consolidada e perfis mais recentes. A maioria é especialista (64%), atua na área de Gestão e Negócios (72%) e possui formação em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (60%), estando vinculada

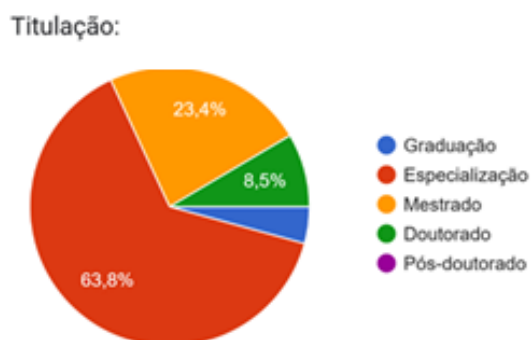
predominantemente a instituições privadas (78%). Esse perfil é particularmente significativo, pois reúne profissionais formados antes da consolidação da IA generativa, o que torna ainda mais relevante o dado de adoção universal da tecnologia observado no Bloco 2, como evidenciam os gráficos apresentados a seguir.

Gráfico 1 – Faixa etária dos participantes.



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 2 – Titulação dos participantes.



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 3 – Área de formação.



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 4 – Área em que leciona na EPT.

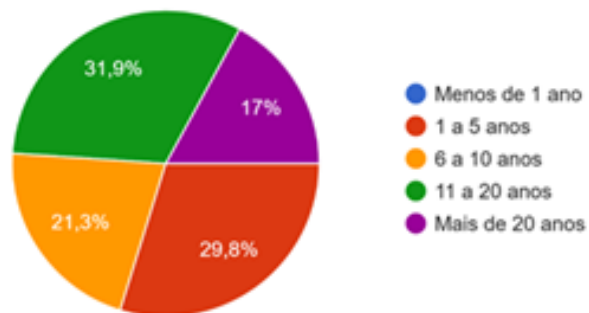
Área em que leciona na EPT



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 5 – Tempo de atuação como docente.

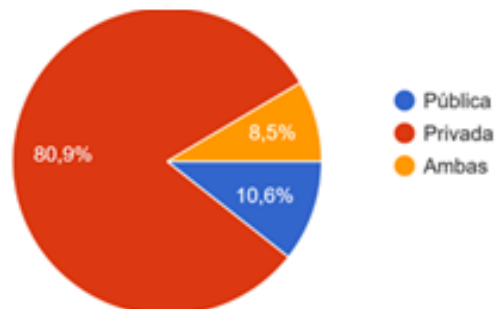
Tempo de atuação como docente:



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 6 – Tipo de instituição em que atua.

Tipo de instituição em que atua:



Fonte: dados da pesquisa (2026).

4.2 Bloco 2 – Conhecimento e uso da IA

Os dados sobre conhecimento e uso da IA indicam um elevado nível de familiaridade e adoção entre os participantes. Entretanto, chama atenção a contradição entre o uso quase universal da tecnologia e a autoavaliação moderada do conhecimento: embora 96% afirmem compreender o que é IA, apenas 22% se consideram com conhecimento alto ou muito alto, antecipando os desafios formativos discutidos na H3.

Gráfico 7 – Você sabe o que é Inteligência Artificial.



Fonte: dados da pesquisa (2026).

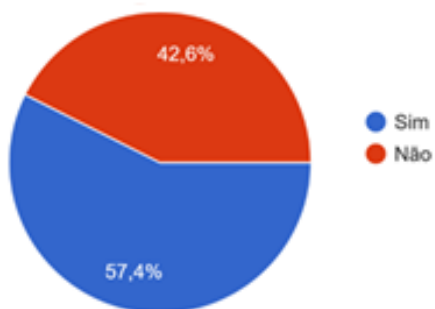
Gráfico 8 – Como você avalia seu conhecimento sobre IA.



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 9 – Já realizou alguma formação sobre IA.

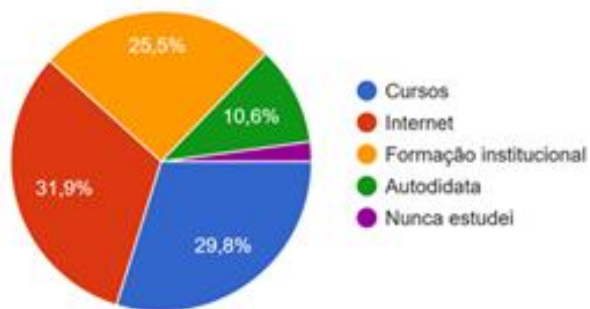
Já realizou alguma formação sobre IA?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 10 – Onde aprendeu sobre IA?

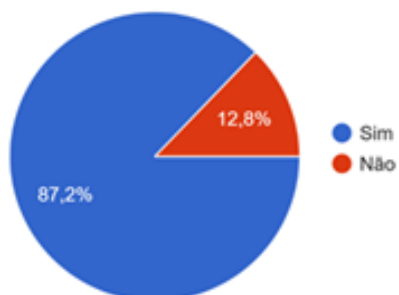
Onde aprendeu sobre IA?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 11 – Conhece ferramentas de IA aplicadas à educação?

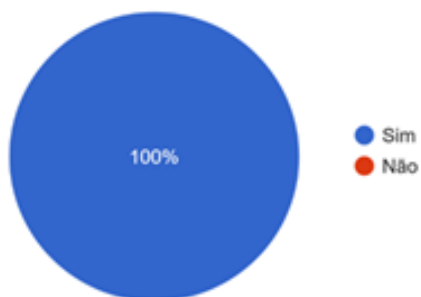
Conhece ferramentas de IA aplicadas à educação?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

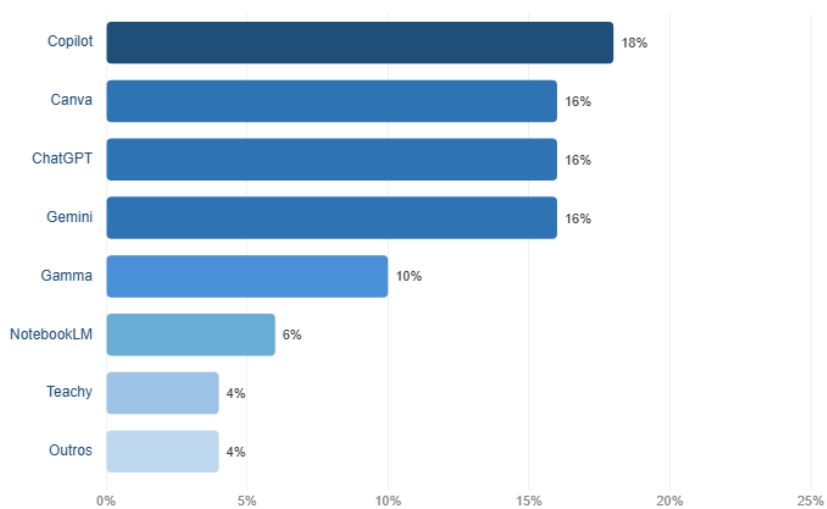
Gráfico 12 – Ferramentas de IA Utilizadas

Já utilizou IA em atividades pedagógicas?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

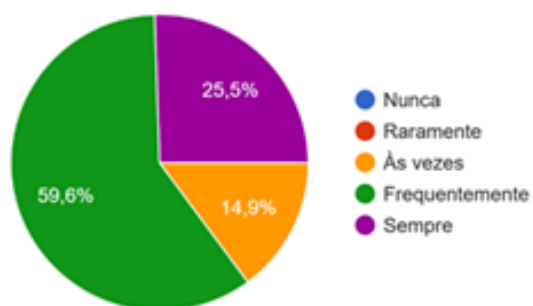
Gráfico 13 – Já utilizou IA em atividades pedagógicas?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

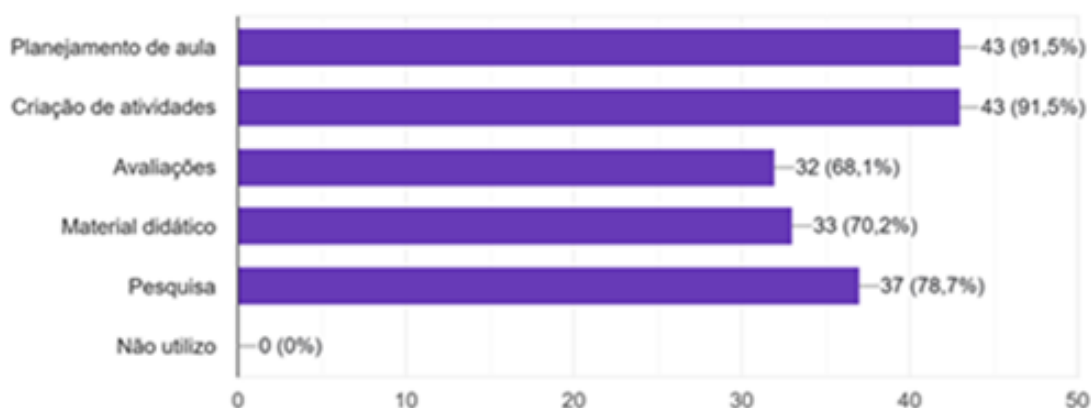
Gráfico 14 – Com que frequência utiliza IA?

Com que frequência utiliza IA?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 15 – Para quais finalidades utiliza IA?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Praticamente a totalidade (96%) declarou saber o que é IA. Quanto ao conhecimento, 62% se autoavaliam como médios, enquanto apenas 22% se classificam como alto ou muito alto, dado que converge com a H3 e com Vieira e Moura (2025), que apontam que apenas 34% dos docentes da EPT se sentem preparados para integração pedagógica qualificada.

Quanto à formação, 58% realizaram algum tipo de formação em IA sendo os contextos principais: internet (32%), cursos (30%), formação institucional (26%) e aprendizado autodidata (10%). Os 42% sem formação estruturada são dados centrais para a H3.

O resultado mais expressivo do Bloco 2 é que 100% dos participantes já utilizaram IA em atividades pedagógicas, e 84% o fazem com alta frequência (frequentemente ou sempre). As ferramentas mais mencionadas foram ChatGPT, Copilot, Gemini, Canva, Gamma e NotebookLM.

As finalidades de uso da IA revelam concentração nas dimensões de autoria docente. O planejamento de aula e a criação de atividades foram as categorias mais frequentes, cada uma mencionada por 90% dos respondentes. Em seguida, aparecem pesquisa (76%), produção de material didático (68%) e elaboração de avaliações (64%). Esse padrão indica que a IA está sendo incorporada prioritariamente como ferramenta de suporte à produção docente, o que é relevante para pensar em que medida essa incorporação também promove, ou não, o letramento digital crítico dos estudantes.

A predominância do aprendizado via internet e cursos livres sobre a formação institucional estruturada (26%) evidencia que o processo de apropriação da IA pelos docentes tem ocorrido de forma dispersa, informal e não orientada pedagogicamente. Esse dado reforça a H3: a ausência de formação específica e sistemática compromete a intencionalidade pedagógica e ética do uso da IA na prática docente.

4.3 Bloco 3 – Percepções sobre potencial pedagógico (H1)

Os dados confirmam amplamente a H1. A grande maioria dos docentes reconhece o potencial pedagógico da IA em diversas dimensões, com destaque para a facilitação do planejamento de aulas (único item com 100% de concordância) e para a contribuição à implementação de metodologias ativas (98% de concordância). Essa unanimidade contrasta, porém, com a ambivalência observada em relação à autonomia dos alunos, aspecto que será discutido adiante.

Gráfico 16 – A IA contribui para a EPT?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

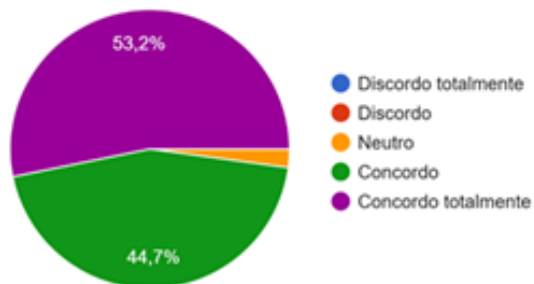
Gráfico 17 – Pode melhorar o aprendizado técnico dos alunos?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 18 – Pode aproximar o ensino do mercado de trabalho?

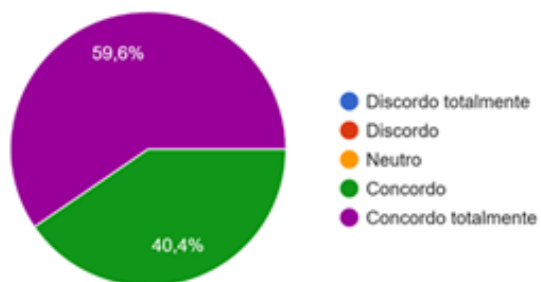
Pode aproximar o ensino do mercado de trabalho?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 19 – Facilita o planejamento das aulas?

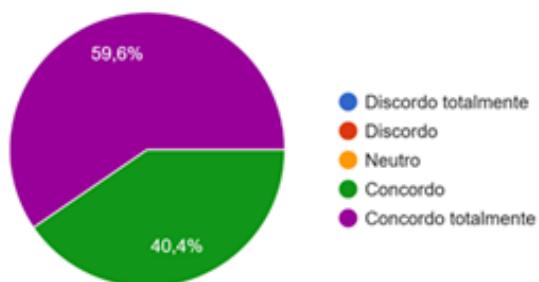
Facilita o planejamento das aulas?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 20 – Contribui para metodologias ativas?

Facilita o planejamento das aulas?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 21 – Torna os alunos mais autônomos?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

O item com maior índice de concordância plena foi a contribuição para metodologias ativas (60% concordam totalmente) e a facilitação do planejamento das aulas (58% concordam totalmente, sem nenhum registro de discordância, 100% de concordância). A totalidade dos respondentes (100%) concordou que a IA aproxima o ensino do mercado de trabalho ou melhora o aprendizado técnico em algum grau.

Em relação à autonomia dos alunos, os resultados são mais heterogêneos: 62% concordam que a IA torna os alunos mais autônomos, mas 38% se mantêm neutros ou discordam, revelando que essa dimensão é percebida de forma mais ambivalente pelos docentes.

Essa heterogeneidade é analiticamente relevante: em todos os demais itens sobre potencial pedagógico da IA, a taxa de concordância (total + parcial) oscilou entre 96% e 100%. A autonomia dos alunos é a única dimensão onde 38% dos docentes mantêm reservas. Isso pode indicar que os professores distinguem os benefícios da IA para a sua própria prática daqueles verificáveis na aprendizagem discente, sugerindo que a autonomia pressupõe uma mediação pedagógica que nem sempre ocorre na prática atual.

Quadro 1 – Percepções sobre potencial pedagógico da IA (n=50).

Afirmção	Concordo totalmente	Concordo	Neutro	Discordo Disc. totalmente
A IA contribui para a EPT	56%	38%	8%	0%
Melhora o aprendizado técnico	48%	48%	4%	0%
Aproxima do mercado de trabalho	50%	46%	4%	0%
Facilita o planejamento das aulas	58%	42%	0%	0%
Contribui para metodologias ativas	60%	36%	2%	0%
Torna alunos mais autônomos	22%	40%	24%	14%

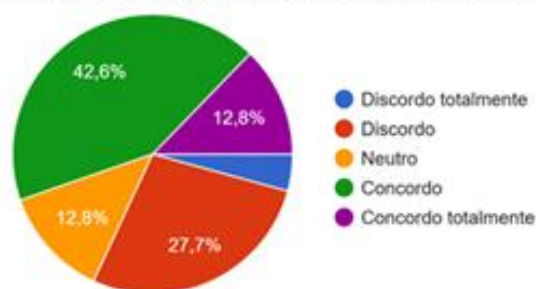
Fonte: dados da pesquisa (2026).

4.4 Bloco 3 – Percepções sobre desafios éticos (H2)

Os dados confirmam a H2. O achado mais expressivo é que 90% dos docentes demonstram preocupação com o uso indevido da IA pelos alunos, percentual que supera inclusive a concordância sobre o potencial pedagógico da tecnologia, revelando que os riscos percebidos são tão presentes quanto os benefícios. A dependência excessiva dos estudantes e o risco ao pensamento crítico emergem como as preocupações centrais.

Gráfico 22 – Pode prejudicar o desenvolvimento do pensamento crítico?

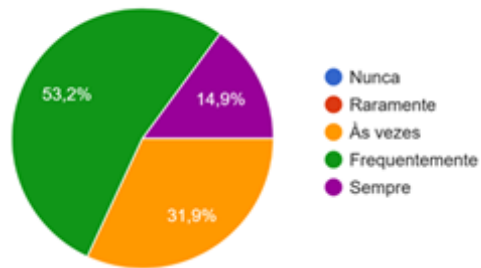
Pode prejudicar o desenvolvimento do pensamento crítico?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 23 – Os alunos utilizam IA nas atividades?

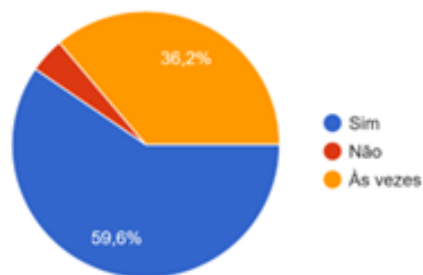
Os alunos utilizam IA nas atividades?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 24 – Você incentiva o uso da IA pelos alunos?

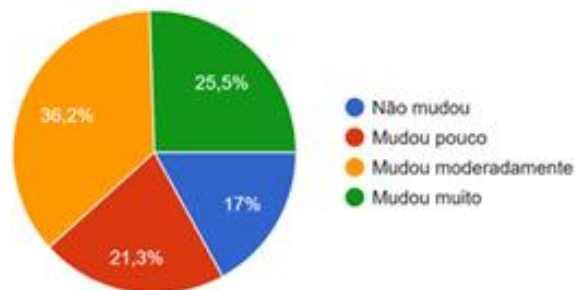
Você incentiva o uso da IA pelos alunos?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 25 – A IA mudou a forma como interage com os alunos?

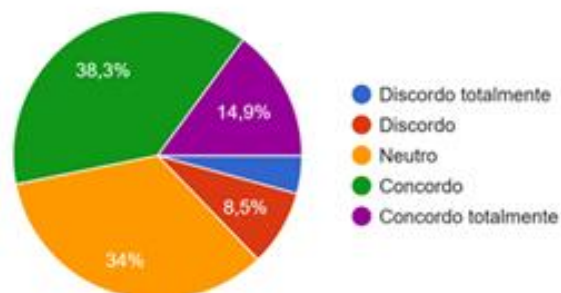
A IA mudou a forma como interage com os alunos?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 26 – A IA aumentou a participação dos alunos?

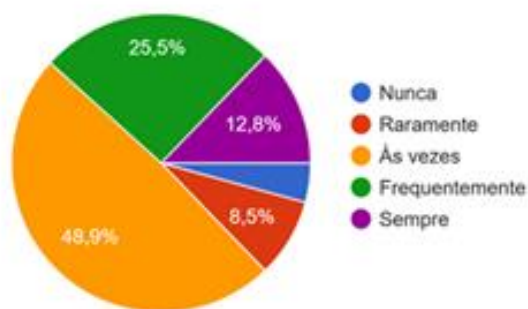
A IA aumentou a participação dos alunos?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 27 – Alunos dependem excessivamente da IA?

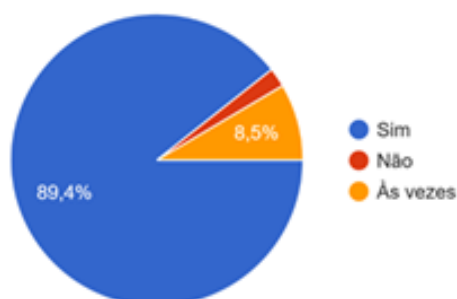
Alunos dependem excessivamente da IA?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 28 – Você se preocupa com uso indevido da IA pelos alunos?

Você se preocupa com uso indevido da IA pelos alunos?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

O dado mais expressivo é que 90% dos docentes demonstram preocupação com o uso indevido da IA pelos alunos (Gráfico 28). Essa preocupação envolve especialmente plágio, dependência tecnológica e fragilização do pensamento crítico, categorias centrais na literatura de Taulli (2020) e Costa e Silva (2025).

A percepção docente sobre o uso de IA pelos alunos é igualmente expressiva: 54% relatam que os estudantes usam IA frequentemente, e 16% percebem uso constante. Apenas 30% identificam uso ocasional. Isso significa que, na perspectiva dos professores, 70% dos alunos utilizam IA de forma regular em suas atividades escolares, dado que contextualiza e amplifica a preocupação de 90% dos docentes com o uso indevido.

Quando questionados sobre o incentivo ao uso da IA pelos alunos, 60% dos docentes afirmam incentivar ativamente, 36% o fazem apenas às vezes e 4% não incentivam. Essa distribuição sugere que o incentivo ao uso crítico e

pedagógico da IA ainda não é prática universalizada, o que pode estar associado à própria insegurança formativa dos docentes, revelada pelos dados do Bloco 2.

A percepção de risco ao pensamento crítico é compartilhada por 58% dos docentes, e 38% identificam dependência excessiva dos alunos à IA com frequência alta. Tais resultados revelam consciência dos limites e riscos, validando a H2.

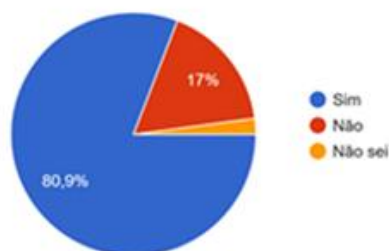
Em relação ao impacto na interação com os alunos, os dados revelam uma transformação em curso, porém gradual e heterogênea: 24% relatam que a IA mudou muito a forma como interagem com os estudantes, 38% percebem mudança moderada, 20% identificam pouca mudança e 18% afirmam que nada mudou. Somados, 82% dos docentes percebem algum grau de transformação, o que indica que a IA está reconfigurando, mesmo que de forma não uniforme, as dinâmicas relacionais e pedagógicas em sala de aula. Quanto à participação dos alunos, os resultados são mais divididos: 54% concordam com o aumento da participação, mas 46% mantêm posição neutra ou discordam.

4.5 Formação docente, orientações institucionais e novas práticas (H3)

Os dados desta seção evidenciam a confirmação mais contundente da H3. O paradoxo central é claro: 86% dos docentes reconhecem que a IA exige novas práticas pedagógicas, mas apenas 22% avaliam seu próprio conhecimento como alto ou muito alto. Há, portanto, uma consciência coletiva sobre a necessidade de mudança que não é acompanhada por preparo formativo equivalente. Soma-se a isso o fato de que 42% nunca participaram de qualquer formação estruturada sobre IA incorporando a tecnologia na prática por meio de tentativa e erro. Os gráficos a seguir ilustram essas tensões.

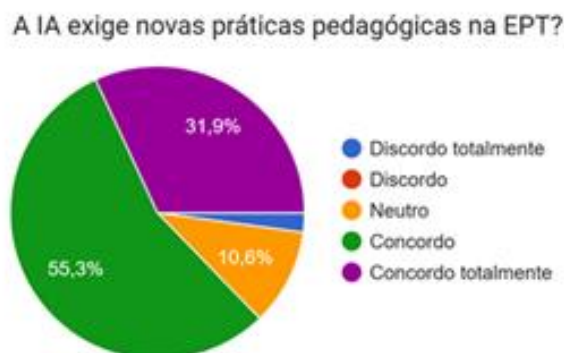
Gráfico 29 – A instituição em que você trabalha oferece orientações sobre uso da IA?

A instituição em que você trabalha oferece orientações sobre uso da IA?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 30 – A IA exige novas práticas pedagógicas na EPT?



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Embora 82% afirmem que a instituição oferece orientações sobre o uso da IA, os dados de formação revelam que 42% dos docentes nunca realizaram formação estruturada, aprendendo pela internet ou de forma autodidata. Isso sugere que as orientações institucionais existentes ainda são insuficientes ou pouco sistematizadas.

Contudo, 16% dos docentes afirmam não receber qualquer orientação institucional sobre o uso da IA, e 2% declararam não saber se tais orientações existem. Esse contingente (que representa quase 1 em cada 5 docentes) tende a construir suas práticas de forma mais fragmentada e individualizada, com maior risco de uso acrítico ou eticamente inadequado da tecnologia. A existência de orientações, portanto, não garante universalidade nem qualidade formativa.

A confirmação mais expressiva da H3 vem da combinação entre dois dados: 86% concordam ou concordam totalmente que a IA exige novas práticas pedagógicas, mas apenas 22% se autoavaliam com conhecimento alto sobre a tecnologia. O reconhecimento da necessidade de mudança não é acompanhado de preparo formativo equivalente.

A H3 se confirma em sua dimensão qualitativa: o uso é universal, mas a qualidade e a intencionalidade pedagógica dependem diretamente da formação. Docentes sem formação específica tendem a incorporar a IA de forma mais instrumental, sem reflexão crítica sobre ética, autoria ou limitações da tecnologia.

4.6 Triangulação: revisão integrativa e dados empíricos (OE6)

A triangulação entre a revisão integrativa e os dados empíricos evidencia convergências expressivas e uma divergência central que merece destaque. As

convergências confirmam o que a literatura já indicava: preparo docente insuficiente, preocupações éticas recorrentes e demanda significativa por formação continuada. A divergência, entretanto, é inédita e constitui o principal achado empírico desta pesquisa. Enquanto os estudos revisados apontavam uma adoção parcial e irregular da IA na educação, os dados coletados revelam adoção universal (100%) e frequente (86%). Isso indica que a EPT investigada não se encontra apenas no horizonte da incorporação da IA, mas já vivencia essa realidade. O Quadro 2 sistematiza esse contraste.

Quadro 2 – Triangulação entre revisão integrativa e dados empíricos.

Dimensão	Literatura (revisão integrativa)	Dados empíricos (n=50)
Reconhecimento do potencial	78% reconhecem relevância (VIEIRA; MOURA, 2025)	92% concordam que IA contribui para EPT
Uso efetivo da IA	Crescente, mas irregular	100% utilizam; 84% com alta frequência
Preparo docente	34% se sentem preparados (VIEIRA; MOURA, 2025)	62% autoavaliam conhecimento como médio; 42% sem formação
Preocupação ética	23% dos estudos abordam ética (COSTA; SILVA, 2025)	90% preocupados com uso indevido pelos alunos
Demanda por formação	89% demandam formação (VIEIRA; MOURA, 2025)	42% nunca realizaram formação estruturada
Dependência tecnológica	Risco central na literatura	38% percebem dependência frequente dos alunos
Incentivo ao uso discente da IA	Não investigado sistematicamente na EPT	60% incentivam; 36% às vezes; 4% não incentivam
Frequência de uso pelos alunos	Crescente, mas não quantificada	70% usam frequentemente ou sempre (percepção docente)

Fonte: elaborado pela autora (2026).

A principal divergência identificada se refere à adoção: enquanto a literatura sugeria uso ainda parcial, os dados empíricos revelaram adoção universal (100%) e frequente (86%). Isso indica que a EPT investigada já vive a realidade da IA incorporada, tornando ainda mais urgente a estruturação da formação docente e das diretrizes institucionais.

A lacuna ética da literatura (COSTA; SILVA, 2025) encontra resposta no nível da percepção: 90% demonstram preocupação ética. A preocupação existe na prática docente, mas ainda não foi sistematizada em pesquisa ou em políticas institucionais consolidadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, ao articular a revisão integrativa da literatura (2015–2025) com dados empíricos coletados junto a 50 docentes da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), permitiu compreender de forma abrangente como esses profissionais percebem e utilizam a Inteligência Artificial (IA) em suas práticas pedagógicas.

Os resultados confirmam as hipóteses inicialmente formuladas. A primeira hipótese (H1) foi amplamente corroborada: 92% dos docentes reconhecem que a IA contribui para a EPT, e 100% já a utilizam em suas atividades pedagógicas. A segunda hipótese (H2) também se confirmou: 90% manifestam preocupação com o uso inadequado da tecnologia pelos estudantes, 58% identificam riscos ao desenvolvimento do pensamento crítico e 38% percebem dependência excessiva da IA por parte dos alunos. Quanto à terceira hipótese (H3), a análise qualitativa evidenciou que, embora todos utilizem IA, 62% avaliam seu conhecimento como intermediário e 42% nunca realizaram formação específica, indicando que o uso é frequente, mas muitas vezes sem fundamentação pedagógica e ética adequada.

A triangulação entre literatura e dados empíricos revela uma configuração inédita: a adoção da IA na EPT é praticamente universal, mas a formação docente e a governança institucional ainda não acompanham esse ritmo. O uso prático da tecnologia antecede a reflexão pedagógica, impondo à EPT um imperativo formativo urgente e inadiável.

Do ponto de vista teórico, este estudo contribui ao sistematizar a produção científica sobre IA na EPT, integrar debates pedagógicos, éticos e institucionais e evidenciar lacunas formativas e normativas ainda pouco exploradas. No aspecto prático, os resultados oferecem subsídios para políticas de formação continuada, elaboração de diretrizes éticas e planejamento curricular crítico, orientado à mediação pedagógica consciente e à promoção do letramento digital dos estudantes.

A análise do uso docente da IA mostra que 90% dos professores a empregam para planejar aulas e elaborar atividades. Contudo, a mediação pedagógica voltada ao letramento crítico dos alunos ainda é inconsistente, como indica o fato

de que apenas 60% incentivam ativamente o uso da IA pelos estudantes. Essa lacuna entre uso docente e promoção do letramento discente constitui um dos principais desafios pedagógicos a ser enfrentado pelas instituições de EPT nos próximos anos.

A principal conclusão é que a IA, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, não deve ser encarada apenas como ferramenta tecnológica, mas como objeto formativo que requer mediação crítica, governança institucional e fundamentação pedagógica sólida. O fato de todos os docentes já utilizarem IA, muitas vezes sem formação específica e com preocupações éticas não sistematizadas, reforça a necessidade de políticas e estratégias que articulem inovação tecnológica, responsabilidade ética e compromisso com a formação integral do estudante.

Como limitação, destaca-se que a amostra foi selecionada por conveniência, o que reduz a possibilidade de generalização dos resultados. Estudos futuros poderiam ampliar a amostra, contemplando estratificação regional e institucional, além de aprofundar a investigação qualitativa sobre o conteúdo e a efetividade das orientações institucionais relacionadas ao uso da IA.

Esta pesquisa reafirma que a integração da Inteligência Artificial na Educação Profissional e Tecnológica é uma realidade já presente no cotidiano docente — e não uma tendência futura. Ao evidenciar a adoção universal da IA entre os participantes e, simultaneamente, as lacunas formativas e institucionais que acompanham esse processo, o estudo reforça a urgência de políticas educacionais que articulem inovação tecnológica, formação docente e responsabilidade ética. Mais do que constatar essa realidade, a pesquisa contribui para a construção de respostas concretas: subsídios para políticas de letramento em IA voltadas à EPT, diretrizes para a formação continuada de professores e fundamentos para um uso da tecnologia que seja, ao mesmo tempo, crítico, ético e comprometido com a formação integral dos estudantes, valor central e inegociável da Educação Profissional e Tecnológica.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 dez. 2008.
- BRASIL. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 ago. 2018.
- COSTA, L S; SILVA, L L. **Ética e uso de inteligência artificial na educação profissional técnica de nível médio no Brasil.** Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, [S. l.], v. 3, n. 25, e17800, 2025. DOI: 10.15628/rbept.2025.17800. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/17800> . Acesso em: 22 fev. 2026.
- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens.** 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- DENZIN, Norman K. **The research act: a theoretical introduction to sociological methods.** New York: McGraw-Hill, 1978.
- FLORIDI, Luciano et al. **AI4 People - An ethical framework for a good AI society.** Minds and Machines, v. 28, p. 689–707, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 175 p. ISBN 978-85-249-1985-5.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GROSSI, M. G. R.; SANTOS, D. de C. S.; LOPES, M. P.; BORJA, S. D. B.; MINODA, D. de S. **Inteligência Artificial e o modelo ChatGPT: o que as pesquisas estão revelando e um recorte com contexto educacional.** Revista Caderno Pedagógico, v. 21, n. 7, 2024.
- HOLMES, Wayne; BIALIK, Maya; FADEL, Charles. **Artificial intelligence in education: promises and implications for teaching and learning.** Boston: Center for Curriculum Redesign, 2019.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** Campinas: Papirus, 2012.
- LUCKIN, Rose et al. **Intelligence unleashed: an argument for AI in education.** London: Pearson, 2016.
- MARTINS, Cláudia de Souza Ferreira. **IA generativa na contemporaneidade: inteligência artificial e educação: refletindo sobre os desafios**

contemporâneos. Revista Docência e Cibercultura, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 1–10, 2025. DOI: 10.12957/redoc.2025.90028. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/90028> . Acesso em: 22 fev. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORAN, José Manuel. **Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje.** In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando (Org.). Ensino híbrido. Porto Alegre: Penso, 2015.

MOSSIN, E. A. **Reflexões sobre a inteligência artificial à luz dos fundamentos da Educação Profissional e Tecnológica.** Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 41, e53835, 2025. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982025000100223 . Acesso em: 19 jan. 2026.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico.** Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2014.

TAULLI, Tom. **Introdução à inteligência artificial: uma abordagem não técnica.** São Paulo: Novatec, 2020.

UNESCO. **Recommendation on the Ethics of Artificial Intelligence.** Paris: UNESCO, 2021.

VALENTE, José Armando. **O computador na sociedade do conhecimento.** Campinas: Unicamp, 1999.

VIEIRA, Luís Antônio Braga; MOURA, Mayra Camelo Madeira de. **Inteligência Artificial na Educação Profissional e Tecnológica: experiências pedagógicas nos institutos federais.** Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, [S. l.], v. 3, n. 25, e15906, 2025. DOI: 10.15628/rbept.2025.15906. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/15906> . Acesso em: 14 fev. 2026.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. **The integrative review: updated methodology.** Journal of Advanced Nursing, v. 52, n. 5, p. 546–553, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE PESQUISA (Google Forms)

Percepções Docentes sobre o Uso da Inteligência Artificial na Educação Profissional e Tecnológica

Este questionário tem como objetivo compreender as percepções de docentes da Educação Profissional e Tecnológica sobre o uso da Inteligência Artificial, incluindo aspectos pedagógicos, éticos e a interação com os alunos. Suas respostas são totalmente anônimas e serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.

Todas as informações fornecidas neste formulário são protegidas conforme a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei nº 13.709/2018 – LGPD).

Bloco 1 – Perfil do Docente

1. Gênero:

- Feminino
- Masculino
- Não binário
- Prefiro não informar
- Outro: _____

2. Faixa etária:

- Até 25 anos
- 26 a 35 anos
- 36 a 45 anos
- 46 a 55 anos
- 56 anos ou mais

3. Titulação:

- Graduação
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Pós-doutorado

4. Área de formação principal:

- Educação
- Tecnologia / Informática
- Gestão / Negócios
- Saúde
- Indústria
- Serviços
- Outra: _____

5. Área em que leciona na Educação Profissional e Tecnológica:

- Informática / Tecnologia

- Gestão / Administração
 - Saúde
 - Indústria
 - Serviços
 - Formação Geral
 - Outra: _____
6. Tempo de atuação como docente:
- Menos de 1 ano
 - 1 a 5 anos
 - 6 a 10 anos
 - 11 a 20 anos
 - Mais de 20 anos
7. Instituição onde atua:
- Pública
 - Privada
 - Ambas

Bloco 2 – Conhecimento sobre Inteligência Artificial

8. Você sabe o que é Inteligência Artificial?
- Sim
 - Não
 - Parcialmente
9. Como você avalia seu nível de conhecimento sobre IA?
- Muito baixo
 - Baixo
 - Médio
 - Alto
 - Muito alto
10. Você já realizou alguma formação sobre IA?
- Sim
 - Não
11. Onde você aprendeu sobre IA?
- Cursos
 - Internet
 - Formação institucional
 - Autodidata
 - Nunca estudei
12. Você conhece ferramentas de IA aplicadas à educação?
- Sim
 - Não

Bloco 3 – Uso da IA na Educação Profissional e Tecnológica

13. Você já utilizou IA em atividades pedagógicas?
- Sim
 - Não
14. Com que frequência você utiliza IA?
- Nunca
 - Raramente
 - Às vezes
 - Frequentemente
 - Sempre
15. Para quais finalidades você utiliza IA?
- (Marque quantas quiser)
- Planejamento de aula
 - Criação de atividades
 - Avaliações
 - Material didático
 - Pesquisa
 - Não utilizo
16. Você acredita que a IA pode contribuir para a Educação Profissional e Tecnológica?
- Discordo totalmente
 - Discordo
 - Neutro
 - Concordo
 - Concordo totalmente
17. A IA pode melhorar o aprendizado técnico dos alunos?
- Discordo totalmente
 - Discordo
 - Neutro
 - Concordo
 - Concordo totalmente
18. A IA pode aproximar o ensino do mercado de trabalho?
- Discordo totalmente
 - Discordo
 - Neutro
 - Concordo
 - Concordo totalmente

Bloco 4 – Percepção Pedagógica

19. A IA facilita o planejamento das aulas?
- Discordo totalmente
 - Discordo
 - Neutro
 - Concordo
 - Concordo totalmente
20. A IA contribui para metodologias ativas?
- Discordo totalmente
 - Discordo
 - Neutro
 - Concordo
 - Concordo totalmente
21. A IA pode tornar os alunos mais autônomos?
- Discordo totalmente
 - Discordo
 - Neutro
 - Concordo
 - Concordo totalmente
22. A IA pode prejudicar o desenvolvimento do pensamento crítico?
- Discordo totalmente
 - Discordo
 - Neutro
 - Concordo
 - Concordo totalmente

Bloco 5 – Relação Docente x Aluno e IA

23. Os alunos utilizam IA nas atividades?
- Nunca
 - Raramente
 - Às vezes
 - Frequentemente
 - Sempre
24. Você incentiva o uso da IA pelos alunos?
- Sim
 - Não
 - Às vezes
25. A IA mudou a forma como você interage com seus alunos?
- Não mudou
 - Mudou pouco

- Mudou moderadamente
 - Mudou muito
26. A IA aumentou a participação dos alunos?
- Discordo totalmente
 - Discordo
 - Neutro
 - Concordo
 - Concordo totalmente
27. Você percebe que os alunos dependem excessivamente da IA?
- Nunca
 - Raramente
 - Às vezes
 - Frequentemente
 - Sempre

Bloco 6 – Ética e Desafios

28. Você se preocupa com o uso indevido da IA pelos alunos?
- Sim
 - Não
 - Às vezes
29. A instituição oferece orientações sobre uso de IA?
- Sim
 - Não
 - Não sei
30. Você acredita que a IA exige novas práticas pedagógicas na Educação Profissional e Tecnológica?
- Discordo totalmente
 - Discordo
 - Neutro
 - Concordo
 - Concordo totalmente

APÊNDICE B – RESULTADO DA PESQUISA

PESQUISA TCC – PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE O USO DE IA NA EPT

N = 50 respondentes | Coleta: fevereiro/2026

PERFIL DOS RESPONDENTES (N=50)

Faixa Etária		
Opção	Frequência	Percentual (%)
36 a 45 anos	23	46.0%
46 a 55 anos	15	30.0%
26 a 35 anos	6	12.0%
56 anos ou mais	6	12.0%
TOTAL	50	100%

Titulação		
Opção	Frequência	Percentual (%)
Especialização	32	64.0%
Mestrado	12	24.0%
Doutorado	4	8.0%
Graduação	2	4.0%
TOTAL	50	100%

Área de Formação		
Opção	Frequência	Percentual (%)
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	30	60.0%
Educação e Licenciaturas	15	30.0%
Tecnologias	4	8.0%
Ciências da Saúde	1	2.0%
TOTAL	50	100%

Área em que leciona na EPT		
Opção	Frequência	Percentual (%)
Gestão e Negócios	36	72.0%
Informação e Comunicação	5	10.0%
Ambiente, Saúde e Segurança	4	8.0%
Produção Cultural e Design	3	6.0%
Turismo, Hospitalidade e Lazer	1	2.0%
Hospitalidade e Lazer	1	2.0%
TOTAL	50	100%

Tempo de Atuação Docente		
Opção	Frequência	Percentual (%)
11 a 20 anos	16	32.0%
1 a 5 anos	15	30.0%
6 a 10 anos	11	22.0%
Mais de 20 anos	8	16.0%
TOTAL	50	100%

Tipo de Instituição		
Opção	Frequência	Percentual (%)
Privada	39	78.0%
Ambas	6	12.0%
Pública	5	10.0%
TOTAL	50	100%

USO E CONHECIMENTO DE IA (N=50)

Você sabe o que é IA?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Sim	48	96.0%
Parcialmente	2	4.0%
TOTAL	50	100%

Já realizou formação sobre IA?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Sim	29	58.0%
Não	21	42.0%
TOTAL	50	100%

Como avalia seu conhecimento sobre IA?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Médio	31	62.0%
Alto	10	20.0%
Baixo	7	14.0%
Muito alto	1	2.0%
Muito baixo	1	2.0%
TOTAL	50	100%

Onde aprendeu sobre IA?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Internet	16	32.0%
Cursos	15	30.0%
Formação institucional	13	26.0%
Autodidata	5	10.0%
Nunca estudei	1	2.0%
TOTAL	50	100%

Conhece ferramentas de IA para educação?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Sim	44	88.0%
Não	6	12.0%
TOTAL	50	100%

Já utilizou IA em atividades pedagógicas?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Sim	50	100.0%
TOTAL	50	100%

Com que frequência utiliza IA?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Frequentemente	29	58.0%
Sempre	13	26.0%
Às vezes	8	16.0%
TOTAL	50	100%

PERCEPÇÕES DOS DOCENTES SOBRE IA NA EPT (N=50)

A IA contribui para a EPT?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Concordo totalmente	28	56.0%
Concordo	18	36.0%
Neutro	4	8.0%
TOTAL	50	100%

Pode melhorar o aprendizado técnico dos alunos?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Concordo totalmente	24	48.0%
Concordo	24	48.0%
Neutro	2	4.0%
TOTAL	50	100%

Facilita o planejamento das aulas?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Concordo totalmente	29	58.0%
Concordo	21	42.0%
TOTAL	50	100%

Pode aproximar o ensino do mercado de trabalho?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Concordo totalmente	25	50.0%
Concordo	23	46.0%
Neutro	2	4.0%
TOTAL	50	100%

Contribui para metodologias ativas?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Concordo totalmente	30	60.0%
Concordo	19	38.0%
Neutro	1	2.0%
TOTAL	50	100%

Torna os alunos mais autônomos?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Concordo totalmente	11	22.0%
Concordo	20	40.0%
Neutro	12	24.0%
Discordo	7	14.0%
TOTAL	50	100%

Pode prejudicar o desenvolvimento do pensamento crítico?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Concordo totalmente	7	14.0%
Concordo	22	44.0%
Neutro	6	12.0%
Discordo	13	26.0%
Discordo totalmente	2	4.0%
TOTAL	50	100%

Você incentiva o uso da IA pelos alunos?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Às vezes	18	36.0%
Sim	30	60.0%
Não	2	4.0%
TOTAL	50	100%

A IA mudou a forma como interage com os alunos?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Mudou moderadamente	19	38.0%
Mudou muito	12	24.0%
Não mudou	9	18.0%
Mudou pouco	10	20.0%
TOTAL	50	100%

Opção	Frequência	Percentual (%)
Concordo totalmente	7	14.0%
Concordo	20	40.0%
Neutro	17	34.0%
Discordo	4	8.0%
Discordo totalmente	2	4.0%
TOTAL	50	100%

Alunos dependem excessivamente da IA?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Às vezes	25	50.0%
Frequentemente	13	26.0%

Você se preocupa com uso indevido da IA pelos alunos?

Opção	Frequência	Percentual (%)
Sim	45	90.0%
Às vezes	4	8.0%

Sempre	6	12.0%
Nunca	2	4.0%
Raramente	4	8.0%
TOTAL	50	100%

Não	1	2.0%
TOTAL	50	100%

A instituição oferece orientações sobre uso da IA?		
Opção	Frequência	Percentual (%)
Não	8	16.0%
Sim	41	82.0%
Não sei	1	2.0%
TOTAL	50	100%

A IA exige novas práticas pedagógicas na EPT?		
Opção	Frequência	Percentual (%)
Concordo totalmente	16	32.0%
Concordo	27	54.0%
Neutro	6	12.0%
Discordo totalmente	1	2.0%
TOTAL	50	100%

FERRAMENTAS E FINALIDADES DE USO DA IA (N=50)

Ferramentas de IA Utilizadas (múltipla escolha)		
Opção	Menções	Percentual (% dos respondentes)
Copilot	12	24.0%
Canva	8	16.0%
Gemini	8	16.0%
ChatGPT	5	10.0%
Gamma	5	10.0%
Notebook LM	3	6.0%
Teachy	2	4.0%
Outras	2	4.0%

Finalidades de Uso da IA em Atividades Pedagógicas (múltipla escolha)		
Opção	Menções	Percentual (% dos respondentes)
Planejamento de aula	45	90.0%
Criação de atividades	45	90.0%
Pesquisa	38	76.0%
Material didático	34	68.0%
Avaliações	32	64.0%